

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – CETREDE  
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PLANEJAMENTO DO  
ENSINO E AVALIAÇÃO DE APREDIZAGEM**

**ALFABETIZAÇÃO NA PEDAGOGIA WALDORF**

**TELMA MARIA DE FARIAS**

**FORTALEZA-CEARÁ  
2003**

# ALFABETIZAÇÃO NA PEDAGOGIA WALDORF

TELMA MARIA DE FARIAS

MONOGRAFIA SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PLANEJAMENTO DO ENSINO E AVALIAÇÃO DE ENSINO E APRENDIZAGEM COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FORTALEZA – 2003

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em Planejamento do ensino e Avaliação do Ensino e Aprendizagem pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados da Biblioteca Central da referida Universidade. A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com os de ética científica.

---

Telma Maria de Farias

MONOGRAFIA APROVADA EM: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Maria Isabel Figueiras Lima Ciasca  
Orientadora

---

Gláucia Maria Menezes Ferreira

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| RESUMO.....   | 4  |
| INTRODUÇÃO.....   | 5  |
| CAPÍTULO I RUDOLF STEINER A ESCOLA WALDORF .....  | 7  |
| CAPÍTULO II INICIAÇÃO DE SALA DE AULA NA ESCOLA WALDORF .....   | 11 |
| CAPÍTULO III A CRIANÇA EM SUA RELAÇÃO COM O ESPAÇO.....   | 18 |
| CAPÍTULO IV ENSINANDO AS LETRAS COMO FIGURAS.....   | 21 |
| CAPÍTULO V O ALFABETO E A ESCRITA.....  | 27 |
| CAPÍTULO VI A PREPARAÇÃO PARA A ESCRITA .....   | 33 |
| CAPÍTULO VII LER A SUA CALIGRAFIA .....   | 36 |
| CAPÍTULO VIII ORTOGRAFIA.....   | 41 |
| CONCLUSÃO .....   | 44 |
| BIBLIOGRAFIA.....   | 46 |
| ANEXOS.....   | 47 |
| ANEXO.A : Desenhos produzidos pelas crianças durante a aula de inglês através de ditado.....  | 47 |
| ANEXO.B : Desenhos referentes ao que foram produzidos pelos na primeira aula principal durante observação do grupo na primeira série..... | 51 |
| ANEXO.C : Observação de uma aula principal na 1ª série de Ensino Fundamental na Escola Waldorf Micael(Fortaleza – Ce).....                | 55 |
| ANEXO.D : Artigo publicado na revista Norte-Americana The Atlantic Monthly, em setembro de 1999.....                                      | 63 |

## RESUMO

O presente estudo é sobre a pedagogia Waldorf que apresenta elementos diferentes das demais pedagogias principalmente quanto ao aspecto metodológico.

Seu objetivo é desenvolver a personalidade da criança de forma equilibrada fazendo florescer a clareza do raciocínio, o equilíbrio emocional e a iniciativa de ação. Dentro do tema será abordado o desenvolvimento do seu método de alfabetização.

A pedagogia Waldorf foi introduzida por Rudolf Steiner em 1919, em Stuttgart, Alemanha. Inicialmente através de uma escola para filhos dos operários da fábrica de cigarros Waldorf - Astória (daí o nome), e hoje, está difundida através de suas 700 escolas em vários países, inclusive no Brasil. Aqui no Ceará, existe uma unidade na Rua Joaquim Nabuco, 701, Aldeota - Fortaleza.

A escola Steiner ou Waldorf tem três divisões naturais: o jardim de infância que abrange criança de 2 a 6 anos; a escola primária (ensino fundamental I e II) para criança de 6 a 14 anos; a escola secundária (ensino médio) de 14 a 18 anos.

## INTRODUÇÃO

A pedagogia Waldorf é comprometida com o desenvolvimento do ser humano e tem um verdadeiro interesse e preocupação de que um bom educador estará sempre desenvolvendo sua auto-educação.

Para a realização deste trabalho contei com a colaboração democrática, participativa e solidária dos educadores das escolas Waldorf Micael de Fortaleza – Ce e escola Rudolf Steiner de São Paulo, que encontravam-se aqui em Fortaleza por ocasião da realização do curso para formação de professores Waldorf, do qual eu participo, que acontece de três em três meses durante quatro anos. Minha participação no curso, que se realiza através de seminários durante dez dias seguidos, foi o que me impulsionou a fazer este trabalho, já que nela sempre encontro respostas que acalmam minha insatisfação pedagógica.

Foram utilizadas também pesquisas em sites, pesquisa de campo, observação feita em sala de aula do 1º ano do ensino fundamental I, e jardineiras, obras do Rudolf Steiner, palestras feitas em vários países para difundir a pedagogia Waldorf e ministrar cursos de formação de professores, esses documentos são publicados em forma de apostilas e livros. Foram citadas também biografias de autores que estudam a pedagogia.

O estudo sobre Rudolf Steiner é parte fundamental para a compreensão desta pedagogia, pois é de sua autoria a concepção de desenvolvimento do ser humano na qual é embasada, como versa o primeiro capítulo. Já o segundo capítulo, mostra o presente tão esperado pelas crianças: a iniciação da sala de aula, onde conhece seu

professor que o acompanhará até o 8º ano. O capítulo seguinte, “A criança em sua relação”, é um momento de muito trabalho com desenhos, onde a criança domina e faz suas marcas em uma folha de papel que ela imagina ser seu mundo. O quarto capítulo, “Introduzindo as Letras como Figuras”, é a fase de muitas histórias e contos de fadas. Já no quinto capítulo, “Preparação para a Escrita”, a criança descobre e aprende com a autoridade e os hábitos familiares. Em “Alfabeto e a Escrita”, o sexto capítulo, mostra-se um pouco do tempo em que sacerdotes e reis guiavam seu povo movidos por um conhecimento intuitivo, e que o ato de escrever vem de um conhecimento superior que vive dentro do homem. Em “Ler a própria caligrafia”, o sétimo capítulo, Rudolf Steiner dá um valor inestimável à euritmia. É também chegada a hora em que o professor treina leitura com toda turma junta. E, por último, no oitavo capítulo, “Ortografia”, é muito importante para a criança que o professor sente-se ao seu lado e grafe algumas palavras, mostrando um respeito e carinho todo especial na maneira de escrever e aproveitando para mostrar a postura correta ao sentar.

Tendo como fundamento o estudo antroposófico de Rudolf Steiner, a pedagogia contempla os ideais de educação, refletidos à luz da compreensão da missão educativa que o momento histórico da educação brasileira nos propõe.

## CAPÍTULO I

### RUDOLF STEINER E A ESCOLA WALDORF

Segundo Hemleben (1989, p. 12), o fundador da Ciência Espiritual Antroposófica ou Antroposofia nasceu em Kraljevec (Áustria) em 27 de fevereiro de 1861. Depois de terminados seus estudos superiores de Ciências Exatas, dedicou-se desde 1884 à edição das obras científicas de Goethe, escrevendo ainda sobre este autor e sobre assuntos de filosofia. Depois de alguns anos passados em Berlim como escritor de uma conhecida revista literária, Steiner dedicou-se a uma intensa atividade como conferencista e escritor, no intuito de expor e divulgar a Antroposofia, de início no âmbito da Sociedade Teosófica e mais tarde na Sociedade Antroposófica (Idem , p.41).

Construiu em Dornach (Suíça), todo de madeira, o Goetheanum, Sede da Escola Superior Livre de Ciência Espiritual, que foi destruído em 1922 por um incêndio e substituído posteriormente por um novo modelo, agora de alvenaria .

Steiner faleceu em Dornach, em 30 de março de 1925, depois de ter realizado extraordinárias contribuições no campo da organização social, da Pedagogia, da Medicina, da Farmacologia, da Arquitetura, no tratamento de crianças excepcionais etc,. Por oferecerem uma alternativa às visões e soluções meramente materialistas, tiveram elas grande repercussão e provocaram o surgimento de atividades antroposóficas em todos os continentes (Idem,p.145 a 159).

A primeira escola foi fundada por Emil Mott, diretor da Fábrica de Cigarros Waldorf, em Stuttgart. Ele desejava proporcionar aos seus operários uma escola na qual



receberiam uma educação que os capacitaria a viver profundamente sua vida cultural e espiritual, o que faria com que os seres humanos se vissem como indivíduos. Ele reconheceu que o ensino de Rudolf Steiner, o qual é chamado de Antroposofia, continha a origem de tal ímpeto, e o convidou a ser diretor educacional de sua escola. Rudolf Steiner concordou, com a condição de que ele escolhesse os professores Emil Mott consentiu, adicionando que teria o direito de demiti-los se eles falhassem na preservação dos objetivos e padrões do trabalho de sua escola.

Rudolf Steiner juntou 24 de seus discípulos com experiências de vida variadas e começou um curso intensivo de treinamento, de agosto a de setembro de 1919. A escola foi inaugurada em 07 de setembro do mesmo ano. Antes da morte de Steiner, em 1925, ela estava formada com 13 classes para crianças de 5 a 18 anos (Idem, p.128).

A Escola Steiner ou Waldorf possui três divisões naturais.

A primeira fase é o jardim de infância que abrange crianças de 4 a 6 anos, onde não é ministrada uma educação formal. O enfoque é dado aos brinquedos criativos, muitos deles fabricados por alunos de séries mais adiantadas: bonecas de pano, trabalhos feitos de marcenaria com pinturas feitas pelos próprios professores para decoração de sua sala. Procura-se fazer um ambiente natural, que cure os efeitos da tecnologia moderna e que possua o estímulo apropriado para o desenvolvimento natural da criança. O professor deve ser alguém que tenha ideais e seja capaz de transmitir às crianças, através de histórias e festas periódicas, as qualidades morais de bondade, verdade e gratidão, e estas, no próximo período escolar, serão responsáveis pela descoberta de um mundo melhor. A pintura, os jogos envolvendo canto, o aprendizado da primeira língua estrangeira e as brincadeiras irão contribuir para isto.

A professora, que faz o papel de mãe, canta e fala baixo, comportando-se o mais natural possível para a criança, pois esta aprende por imitação.

A segunda divisão natural é a da criança de 06 a 14 anos, que começa a ir à escola, conhece seu professor de sala, que ministrará as aulas principais até o oitavo ano. O professor terá de preocupar-se com todos os seus problemas de crescimento e aprendizagem que se apresentarem neste período de acompanhamento. Sua tarefa educacional é trazer os assuntos de acordo com seu desenvolvimento físico e psíquico que vem ao encontro com seu desenvolvimento interno. Quando isto acontece, às matérias do currículo têm o poder de produzir aptidões. Não é interessante nesta idade o acúmulo de conhecimento concreto, pois a criança deve assimilar o que ela aprende com sentimento e isto deve envolver interesse e entusiasmo pelo que lhe é dado.

A lição principal dura de uma a duas horas e é ministrada pelo seu professor de sala. Os assuntos História, Geografia, Ciências etc são ensinados em conjunto de três a quatro semanas. Após o intervalo, a criança encontra outro professor de línguas, jogos, canto etc.. As lições vespertinas compreendem pintura, trabalhos manuais e trabalhos profissionais.

A terceira fase é o ensino secundário, para alunos de 14 a 18 anos. Nesta fase, o aluno encontra o professor especializado. Sua tarefa é entusiasmar o jovem com o conhecimento de seu assunto, e o desejo da verdade será produzido como força moral. Dos 16 anos em diante, os alunos são preparados para os exames usuais; antes disso, não há avaliações como nas escolas tradicionais (Hemblen, 1789, p.124 a 129).

A pedagogia Waldorf dá à criança a base para transformar-se em uma pessoa profundamente desenvolvida, com facilidade de encarar o que quer que a vida lhe reserve. Acredita-se que se toda sua potencialidade for desenvolvida, ela encontrará seu lugar certo no mundo, e se as potencialidades de opções desenvolvidas não satisfizerem seus anseios, será capaz de mudar se assim for necessário, mas por liberdade e não por

compulsão. A pedagogia Waldorf dá à criança a capacidade de encarar o mundo com liberdade.

Outros núcleos impulsionados por esta educação central são as escolas-lares, para crianças portadoras de necessidades especiais, e as comunidades de Camphill, que proporcionam casa, trabalho e escola para os indivíduos mentalmente comprometidos.

## CAPÍTULO II

### INICIAÇÃO DE SALA DE AULA NA ESCOLA WALDORF

Nas escolas Waldorf, não existe uma série chamada alfabetização. As crianças vivenciam um mundo de fantasia até os seis anos no jardim-de-infância e depois ingressam no primeiro ano do ensino fundamental. Nesta série, eles são recebidos pela professora regente que os acompanhará até a oitava série, conforme escrevi.

O processo de alfabetização propriamente dito só se completará na terceira série. Durante estes três anos, as crianças vão pouco a pouco adquirindo intimidade com os sinais gráficos, sempre envolvidos por um mundo de imagens e fantasias, que vão se modificando junto com as transformações físicas, intelectuais e espirituais das crianças.

Na primeira série as disciplinas principais são o Português e a Matemática. Estas são ensinadas pelo professor regente, que fica com as crianças diariamente no horário das 7 às 9h00min. As matérias como Inglês, Trabalhos Manuais, Aquarela, Música e Educação Física são ministradas por outros professores, chamados na escola Waldorf de professores de matéria. Estas disciplinas são sempre lecionadas após o recreio.

O estudo das disciplinas principais nas escolas Waldorf é dividido em “épocas”. Cada uma delas tem a duração de três a quatro semanas. Na primeira série, as crianças têm entre seis e sete anos. Até então, elas só haviam desenhado. Antes de começarem a ter contato com as letras, passam três semanas trabalhando apenas com as linhas retas e curvas. É a época das formas. Essa prática vai facilitar o próximo passo que será o contato com as letras.

Na próxima época, a de Português, as vogais são inicialmente apresentadas às crianças. Segundo Steiner, (1924, p.33) elas vêm de dentro do homem. Para explicar melhor, são citadas como exemplo as interjeições: Ah!, Oh!, Ai!, Ui!, que expressam

nossas emoções. Em seguida, vêm as consoantes, que são os sons vindos de fora para dentro do homem.

Todas as letras são apresentadas através de imagens. Utilizam-se os contos de fadas, como veículos para trazer as vogais. O som delas vem sempre através de uma fadinha ou de um anjo, personagens de uma história criada ou pesquisada em livros pela professora regente, enquanto as consoantes são trazidas do mundo real. A borboleta, por exemplo, introduzida na história pode simbolizar o som do “B”, o gatinho trará o “G”.

A Matemática do primeiro ano é ensinada seguindo o mesmo princípio. A ela também é dedicada uma época especial. A primeira forma de contato simbólico com os números é através dos algarismos romanos. Para introduzir o número seis, por exemplo, a professora utilizou-se da imagem de um favo de mel, que foi primeiramente traduzido e degustado pelas crianças na sala de aula e, no dia seguinte, desenhado na lousa, quando então a professora contou junto com as crianças os seis lados que cada favo contém.

As contas de somar não são ainda escritas, apenas vivenciadas em jogos e brincadeiras cujas peças-chave são as próprias crianças. Formam grupos de cinco, por exemplo, e a professora sugere que dois alunos saiam e formem outro grupo e então pergunta: quantos ficaram?

Na entrevista com a professora Gisela, da Escola de Aitiara, de Botucatu, São Paulo, quando estive em Fortaleza, por ocasião do curso sobre a pedagogia Waldorf, indagamos se já não deveriam estar aprendendo Ciências, História e Geografia. Ela nos explicou que todos estes elementos já estão de certo modo sendo vistos, embora não formalmente, mas através das histórias, dos contos de fadas e na vida dos personagens.

No primeiro ano, as crianças ainda saem mais cedo da escola, obedecendo ao mesmo horário do jardim-de-infância. Elas têm duas aulas de matéria extra por dia. O ensino das outras matérias é igualmente importante, fornecendo uma base para o completo desenvolvimento espiritual, psíquico e físico da criança. Quando as matérias do currículo vêm ao encontro com o desenvolvimento interno da criança, elas têm o poder de produzir aptidões.

Para desenhar, as crianças utilizam apenas o tijolinho de cera, que é compacto e retangular, não permitindo que elas façam listras, mas que preencham todos os espaços da figura e não apenas o seu contorno. Este método conscientiza as crianças do espaço que elas estão começando a ocupar no mundo. Para escrever elas utilizam o lápis lira (bastão de cera colorido).

Ao término do primeiro ano, as crianças já devem estar aptas a ler palavras simples, no seu caderno, pois já conhecem todas as letras. Identificam os números em algarismos romanos e já desenvolvem algum raciocínio matemático. Tocam músicas simples na flauta, confeccionam pequenas peças em tricô e executam desenhos com aquarela. Tiveram também o seu primeiro contato com o Inglês, no qual identificam as cores, alguns animais, números até vinte, cantam algumas canções e recitam pequenos versos.

No segundo ano, as crianças aprendem através das fábulas, pois, nessa época, segundo Steiner, (1924, p.39) elas estão chegando mais próximas do mundo terreno e se distanciando aos poucos da fantasia. As fábulas trazem claros ensinamentos para o homem, porém um professor Waldorf **jamais** dirá para a criança a moral da fábula ou fará comentários sobre a índole dos personagens. Essa atitude tende a estimular na criança a reflexão e o seu próprio discernimento.

Em Português, elas começam a ter contato com as dificuldades da língua: dígrafos, encontros consonantais, emprego do ss, ç, x, z. Aprendem a letra de imprensa minúscula. Nos textos que já lêem e reproduzem, aparecem sinais de pontuação, mas ainda não são explicados.

Através das histórias e brincadeiras, elas já começam a perceber a diferença entre o objeto (substantivo) e a ação (verbo). Estas palavras são escritas no quadro negro e copiadas também pelas crianças em seus cadernos com cores específicas. Os substantivos estão sempre em azul, os verbos em vermelho e os adjetivos em verde sem que elas saibam que cada cor representa uma classe de palavras.

Nas aulas de Matemática, as crianças aprendem as quatro operações, que ainda são escritas no quadro na horizontal. Utilizam jogos e brincadeiras para estimular o raciocínio e pular corda é especialmente indicado para se aprender tabuada.

A Ciência é introduzida através da época da “gotinha d’água” (esse modo de apresentar a ciência como uma estória foi criada por um dos primeiros professores Waldorf e até hoje não se tem nada mais criativo e explicativo que o substitua), em uma peça de teatro representada pelas crianças, onde aprendem os ciclos da água. Em outra época, chamada “O Senhor dos Tempos”, através de uma história, aprendem os dias da semana, os meses, as horas e as estações do ano. Há também a época dos santos, cujo intuito é o de mostrar o lado divino do homem.

O ensino das outras disciplinas segue o mesmo ritmo, no qual novos elementos são gradualmente acrescentados. Nas aulas de inglês, por exemplo, o vocabulário já está bem mais extenso: aprendem as partes do corpo, as frutas, animais e jogos mais desafiadores. Ainda não escrevem nem lêem em inglês, mas praticam ditados através dos desenhos.. Num momento de observação de sala, acompanhamos quando professora Eliza Guimarães da Escola Waldorf Micael de Fortaleza – Ce descreveu para eles em

inglês a seguinte passagem: “O chão era marrom e verde, o céu azul e com nuvens, o sol amarelo estava no alto. No canto havia uma casinha marrom com telhado vermelho e uma árvore grande com o tronco marrom e as folhas verdes, com muitas mangas amarelas. Havia algumas mangas no chão. Perto da árvore estava um menino barrigudo de tanto comer manga. No céu voavam três pássaros, um azul, um lilás e um vermelho.” Os desenhos estão em anexo, aparentemente diferentes, mas contendo exatamente os mesmos elementos.

Quando chegam ao terceiro ano, as crianças já estão com oito e nove anos de idade. É a fase do fortalecimento da individualidade, da formação do **Eu**. É a fase da negação, quando as crianças começam a pisar o mundo adulto e a se despedir da fantasia. Choram muito sem saber o porquê; o mundo real os atrai, mas a dor da despedida é muito forte. Os sentidos estão muito aguçados, olham para tudo, tocam tudo. Nessa fase, as regras devem ser muito claras, pois são os limites que vão reforçar a construção do **Eu**.

Nos textos escritos, o professor continua a utilizar as cores para diferenciar as categorias gramaticais. Nesta fase, ele já explica o porquê desta diferença, mostrando as funções de cada uma e suas principais características, sem ainda revelar o seu nome. Já é também chegada a hora de aprenderem a letra cursiva, assim como a de lerem livros impressos. Este é um momento muito especial; até então só tinham tido contato com a letra do professor e a sua, através de seus cadernos. Iniciam esta prática através dos livros do Antigo Testamento, que é uma boa forma de introduzir a palavra impressa de um livro, que surgiu antes da vida cultural no Ocidente, a Bíblia. Este momento importante deve ser preparado pelo professor num encontro entre os pais e a classe, para que os pais também façam parte do sentimento da importância e da dignidade do momento em que a palavra impressa é colocada conscientemente para a criança.



Quando chegamos na leitura, nossos esforços serão simplesmente no sentido de despertar na criança, desta vez em sua cabeça, o que já foi elaborado pelas forças corporais como um todo. A leitura é então compreendida mentalmente, porque é reconhecida pela criança como uma atividade que já foi trabalhada antes. ( Mc ALLEN, 1973, p.41)

No ensino da Matemática, já são capazes de reconhecer as unidades, dezenas e centenas. As contas já são apresentadas armadas verticalmente. Aprendem também as unidades de medida.

Todo o ensino que as ajude em seu relacionamento com o mundo é utilizado. Constroem as suas casas, em forma de maquete, simbolizando a aterrissagem de sua alma no mundo material. Cuidam da horta, vivenciando o nascimento dos grãos e também aprendem a fazer pão. Nesse período, encenam uma peça intitulada “O Grão de trigo”. Lidam também com a costura através do tricô e do crochê. O aprendizado das outras matérias segue sempre o mesmo raciocínio, evolui aos poucos, respeitando o desenvolvimento físico, anímico e espiritual da criança.

Terminado o terceiro ano, o aluno Waldorf já se pode considerar alfabetizado, capaz de ler e escrever com pontuação, acentuação e sabendo compreender os textos.

Nas escolas Waldorf , o professor deve saber se colocar diante da criança com muita sabedoria e reconhecer que algo divino e espiritual veio a Terra. Somente adquirindo esta convicção, se tornará um verdadeiro educador.

O relacionamento entre pais e professores é primordial; não só as crianças são matriculadas na escola, mas seus pais também, isto porque, sem o apoio e o envolvimento da família, não será possível atingir o desenvolvimento integral do educando.

As escolas Waldorf são sempre mantidas por associações de pais e professores e não poderão jamais partir de iniciativa privada, pois são associações sem fins lucrativos.

### CAPÍTULO III

#### A CRIANÇA EM CRESCIMENTO E SUA RELAÇÃO COM ESPAÇO

O espaço inspira a movimentação. Este é o elemento que expressa mais intimamente a individualidade através da vontade. Esta movimentação no espaço é um fenômeno que deve ser levado em conta e que se origina na formação humana.

Logo que a criança começa a andar, seu primeiro impulso é deixar suas marcas em um espaço que faz com suas experimentações. Da mesma forma, quando

conseguir segurar com firmeza um bastão<sup>1</sup>, irá dar início ao desenho de um círculo, fazendo voltas até que o centro seja atingido e atravesse o papel rapidamente, conseguindo fazer algo que mais parece um novelo de lã. Este é seu primeiro desenho e com o gosto que nascerá por esta atividade, a partir das linhas deste círculo, produzirá um quadrado que para ela é um esboço de uma casa. E o papel que ela pode segurar em suas mãos é o chão no qual anda, ajoelha-se ou coloca em uma cadeira.

Logo após esta noção de casa para a criança, em seus desenhos continua mostrando noções de espaço com linhas no meio do papel que limita para cima e para baixo e árvores nos lados da casa (direita e esquerda). A última etapa deste crescimento de consciência de espaço e de seu lugar nele é a sua habilidade de expressar movimentos “para frente” e “para trás”.

Nunca encontrei o desenho de um objeto do mundo perceptivo feito por uma criança que não possuísse uma expressão própria. Aqueles primeiros rabiscos são parte de seu próprio mistério psicológico humano, e a concentração, o movimento e o triunfo da conclusão são a “arte” que NÓS deveríamos estar admirando quando ela coloca o papel diante de nós. No desenho de sua casa e do jardim, que virá mais tarde, ela estará nos contando a aventura do crescimento de seu corpo... e que trabalho difícil para algumas crianças! Quantas dificuldades elas irão encontrar quando a casa ainda estiver assimétrica, quando a árvore ainda estiver dividida e sem folhas, e o céu não for ligado a terra na hora certa? Estas figuras são um mapa do traçado que cada criança terá da cabeça até os pés em seus primeiros anos de vida nesta terra. Devido a isto é que quando passamos do desenho para a escrita, não devemos quebrar abruptamente a experiência que ela tem de si mesma com as figuras que produziu. Se nós o fizermos, impedimos seu crescimento e sua percepção de ser vivente. Com a imposição de obstáculos artificiais e de símbolos literais com os quais ela ainda não tem ligação, iremos alterar estas forças naturais de “vontade” que ainda influenciam as funções orgânicas como o crescimento, o sono, a digestão e toda a destreza em segurar objetos, andar com movimento rítmico dos braços, balançar, e saltitar alegremente pela rua. (STEINER, 1978, P.135).

As crianças se expressam destrutivamente quando seu crescimento orgânico for limitado e perturbado por conceitos que elas ainda não estão prontas para entender. Demonstram isso quando fazem rabiscos nos seus desenhos e nos de seus amigos. Isto significa que o professor já tem problemas para resolver. Esta interrupção

---

<sup>1</sup> Nas escolas Waldorf, não se usa lápis nem canetas comuns. Usa-se bastão, um lápis grosso que vem da Alemanha e é vendido na própria escola Waldorf, caneta-tinteiro e cera de abelha em vez de massinha de modelar.

do crescimento orgânico pelo intelectualismo antes da hora é que causa também aversão aos seus trabalhos escolares nos anos seguintes.

Ainda mostrando a ligação com a consciência do espaço ao nosso redor, todo ser humano normal tem a percepção de dois lados e que cada um deles possui forças e funções diferentes. Move-se para cima e para baixo, para frente e para trás, lado esquerdo e lado direito e a expressão do lado direito da face é diferente do lado esquerdo. Nosso organismo também percebe que as costas e a frente são diferentes: a visão, o paladar, o olfato e o tato executam atividades que tendemos a direcionar para frente pelo bom resultado que obtemos.

Nossas atitudes espirituais também limitam nossa relação com o “acima e abaixo”; descobrimos isso quando andamos olhando para cima ou com a cabeça baixa.

## CAPÍTULO IV

### ENSINANDO AS LETRAS COMO FIGURAS

A escrita e a leitura são duas atividades muito complexas e que exigem muita atenção da criança. Por esse motivo, não é marcada data para aprender a ler. Quando a

criança consegue tocar a orelha do lado oposto da cabeça, envolvendo-a por cima, estará pronta para começar a pensar, então se iniciará a apresentação das letras.

Na pedagogia Waldorf, estes dois conceitos são fundamentais, requerem o sentimento artístico do professor. Steiner repetia em todas as palestras que “ensinar é uma arte e o professor deve se transformar em artista”. Assim os alunos teriam prazer em aprender e se tornariam capazes de desenvolver uma capacidade intelectual com constituição saudável, teriam uma agilidade maior em agir nas condições sociais atuais que mudam rapidamente; coragem e confiança para lidar com os problemas que a vida lhe trazer.

Na parte social, começa a formar grupos, estabelecer amizades mais duradouras e a contar segredos. Começa a deixar de ser o mundo, a fazer divisão de si para o outro, começa a pensar individual (ninguém pensa igual a mim), sou eu e lá fora ninguém é igual a mim.

Portanto, os senhores arruinarão a alma da criança se fizerem com que conclusões prontas sejam incutidas na memória. (STEINER, 1995, p. 109).

Mas, para atender as exigências educacionais atuais sem tirar das crianças a força de que precisam para seu desenvolvimento saudável e seu próprio crescimento, Steiner afirma ser através da arte de ensinar, pois atividades intelectuais precoces transformarão em vítimas os órgãos e o sistema nervoso das crianças; sua alma cresce apática ao seu ambiente, sempre com antipatia às lições e até mesmo à educação, como já acontece com muitas crianças nos dias de hoje. É por este motivo que os consultórios de psicólogos e psicopedagogos estão sempre lotados, com crianças apáticas, sem concentração, adolescentes revoltados e adultos estressados.

É interessante lembrar conforme escrevemos antes, como Steiner faz a divisão das fases educacionais. E a primeira fase de 0 a 6 anos de idade as crianças vêm da fase evolutiva, em que tudo é aprendido pela imitação. Esta fase não termina abruptamente; as forças que no primeiro setênio foram engajadas na estruturação do seu corpo, manifestam-se agora em uma grande capacidade de criar e viver com as imagens e ainda não com abstratos conceitos. O ensino precisa respeitar isto e dar os conteúdos através de imagens.

A criança deve aproximar-se do mundo, mas sua linguagem é pictórica – imaginativa. Tudo o que é convencional está muito longe dela, como, por exemplo, as letras. Estas lhe serão apresentadas de forma que ela possa acompanhar e vivenciar com calma e profundidade a gênese de cada uma delas.

A grande missão do professor é tornar a aula interessante, criar sempre.

No primeiro ano, que é quando a criança conhece o professor de sala, este cria uma história que leva até o quinto ano. Nessa história o professor apresenta todas as letras do alfabeto. Quando eles chegam ao quinto ano, a estória ainda é lembrada e eles, com saudades, perguntam pela Vivinha da vovó Vitória.

Nas quatro primeiras semanas, geralmente, são introduzidas as vogais, porque com as consoantes formam as sílabas.

- ba – be = ba – be
- bi = ba – be – bi
- bo = ba – be- bi – bo
- bu = ba – be – bi – bo- bu

O alfabeto é o fim de um longo caminho de educação da comunicação humana.

Os senhores encontrarão, pois, almas infantis preparadas, tendo de levar em conta nos primeiros tempos, quanto ao método, que deverão atormentar menos possível as crianças no sentido de extrair conclusões da experiência global. Se essas conclusões prontas estiverem muito arraigadas em suas almas, será preferível deixá-las subjacentes e esforçar-se para fazer a vida presente da criança desenrolar-se no concluir. (STEINER, 1995, p.109).

A apresentação do alfabeto na pedagogia Waldorf, sempre tem ligação com algo diretamente ligado à vivência da criança, a forma de seu lábio superior com a letra M, a forma do peixe que ela vê quando vai ao mercado com a mãe tem a forma do X, o B tem a forma da borboleta, (o ideal seria procurá-la em um jardim e mostrar como ela é igual a um B), o F que parece muito com uma faca, uma foice etc.

Depois deste início, o professor é livre para guiar o ensino como desejar, apresentando cada letra corretamente, seu valor intrínseco, sua forma individual e som.

Tendo trazido para o presente todo o seu aprendizado fonético, não é necessário ao professor transformar todas as letras deste jeito; elas devem ser feitas tantas vezes quanto preciso para dar a sensação de segurança para as crianças com relação aos símbolos. Elas devem ver frases, saber o que está escrito, e achar as letras que já foram trabalhadas, escreve-las lentamente, enfatizando o desenho que é feito no quadro (antes dos alunos entrarem na sala) com o tema da história que está sendo contada para a apresentação da letra.

A melhor prática para isso será dar a forma de conto, de lenda, de narrativa animada a tudo aquilo que se tenha de comunicar à criança dessa idade que receberá assim a melhor base anímica para a fantasia criativa de sua alma. (STEINER, 1978, p. 39).

Depois que as consoantes forem introduzidas, deve-se continuar trabalhando com elas de várias outras maneiras: escrevendo-as no ar, repetindo o movimento com os olhos fechados (e aí, o professor deve observar para descobrir quais crianças são fracas na visualização), contornando as formas das letras no chão e finalmente escrever clara e



habilmente o próprio nome no chão com o pé direito (esquerdo, para os canhotos), com o lápis encaixado entre o dedo maior e o segundo dedo do pé, e o outro pé fixando o papel no chão. Assim trazemos a vontade da criança para a brincadeira, enviando o que tem sido retido na cabeça para o corpo todo, através de movimentos direcionados e conscientes da vontade.

É assim que as consoantes devem ser apresentadas. Elas são sons e sinais que devem surgir de uma cópia do mundo externo. As consoantes imitam ocorrências e formas externas.

À apresentação das vogais, elas manifestam sentimentos.

Será possível encontrar algum objeto como base para as consoantes; basta que se pesquise. Haverá sempre algum objeto que permita fazer desenvolver o som inicial, a primeira letra de uma palavra. Não há a mesma facilidade em relação as vogais. Talvez pudéssemos pensar no seguinte. Imaginem que disséssemos à criança: - Veja que belo sol! Detém-se para contempla-lo e admira-lo. Então a criança para naquela atitude, levanta os olhos e expressa admiração: A! Vocês pintarão isso e terão assim o A hebreu, o som da admiração.(STEINER, 1978, p. 33).

A – admiração, abrir-se, espanto, entrega

E – separação, reserva, veneração, defesa

I - indicar, individualizar, irradiar, irritar

O – envolver, acalorar, conforto, o todo

U – fuga, júbilo, susto

O professor certamente fará os alunos despertarem para a beleza dos tons das vogais – Ah, A, E, I HO, seu distinto conteúdo interior e o contexto diferente em que são usadas. Mas, como o critério é quando são escritos, dizer seu som e não seu nome poderá diminuir a dificuldade das crianças se forem dadas também as figuras, mas a figura deve dizer claramente o nome da vogal, em contraste com as figuras das

consoantes, que são baseadas no som da letra inicial, e quando soletradas, nunca dizem seu nome, como as vogais.

No primeiro ano da escola, a leitura é uma atividade de imitação da autoridade do professor. A palavra que ele disser é aceita e memorizada pela criança. Através da escrita e dos encontros contínuos com a palavra, isto é aprendido. Podemos falar das vogais como diferentes sons que fazem as palavras viverem. As consoantes são formas sonoras que se envolvem como um disfarce. As vogais as crianças podem cantar e depois colocar uma consoante na frente e formar sílaba.

Agora que as crianças conhecem as consoantes e as vogais, as letras são escritas com uma consciência de sentir e saber o conteúdo da frase. A escolha das palavras deve ser feita pelos alunos e o professor. A frase deve ser escrita primeiro com todas as figuras das formas das letras desenhadas, e depois se repete, escrevendo-as como letras ou esta segunda vez pode ser deixada para a lição principal; isto dependerá da disposição dos alunos com a habilidade do professor.

Todos os assuntos na Escola Rudolf Steiner são ensinados em blocos de lições por três ou quatro semanas, todas as manhãs, durante uma hora e meia, logo no início do dia. O trabalho descrito forma o conteúdo intelectual da lição principal que também inclui o conto de fadas e as histórias de acontecimentos cotidianos, a declamação da classe, o trabalho individual para cada criança ou cada grupo, que é de natureza pedagógica. As atividades na lição principal poderão evocar os elementos do sentimento, pensamento e vontade que trabalham na alma.

Temos, efetivamente, na alma infantil, o velho pensar e o jovem querer: eles aí existem simultaneamente. São realidades estas que ninguém aprofundou em nossos dias, tal como aprofundaram as realidades do corpo; e, conseqüentemente, o educador encontra-se completamente perdido diante de uma criança...E quanto ao espírito? Silêncio a respeito dele, pois nem

palavras existem. Temos apenas o termo espírito, tão pouco significativo que nos seria impossível encontrar palavras que a eles se referissem.

Não existe, pois, um conhecimento do homem, à altura da nossa época; além disso, temos a impressão de que algo falha na atividade educativa. (STEINER, 1978, p. 11).

## CAPÍTULO V

### O ALFABETO E A ESCRITA

Ao contrário, como a criança tem, basicamente, sentido artístico, fantasia criadora, a esta é que se deve apelar, a esta é que nos devemos dirigir. Deixemos desde logo as letras convencionais que a humanidade possui em escrita manual e impressa e percorramos com a criança, de modo inteligente, a evolução cultural da humanidade. (STEINER, 1978, p.31).

Na hora em que a criança é capaz de ficar de pé e dar os primeiros passos, são introduzidos nos movimentos do corpo físico os elementos de percepção de espaço (esquerdo-direito, para frente para trás e acima-abaxo). Pesquisas científicas e espirituais feitas por Steiner mostram que a força da vida flui da cabeça da criança para o corpo durante os primeiros sete anos de vida.

Sendo assim, podemos mostrar que a criança da pré-escola vive com uma consciência bem diferente da do adulto, possui uma consciência diferente até mesmo de uma criança de 10 anos!

Pode-se mostrar assim como um grande avanço das escolas tradicionais, que o Conselho de Educação do Estado do Ceará já exige que a pré-escola seja separada das outras etapas de estudo e que a escola apresente uma proposta separada em seu projeto escolar.

Então, como a cabeça age como um órgão de crescimento, sua função não pode ser transformada se o ser humano quiser ter saúde e vitalidade por toda a vida: absorva tudo, vivendo esta fase de sua vida com simpatia espontânea e completando

com o que o cerca moralmente, os efeitos e atitudes de seus pais perante a vida e seus problemas. Isto é um aquecimento natural e começa a funcionar numa etapa que lhe oferece a capacidade de imitar tudo o que fazemos e falamos. A consequência disso é que os adultos serão responsáveis provavelmente pelo que virá. É que ela não consegue fazer a diferença do que lhe é benéfico ou do que lhe prejudica, e nós adultos com nossas atitudes autoritárias, nossas negações, é que tiraremos a criança deste paraíso de sua devoção à vida.

Através de nossa conduta, estipulamos um modelo a ser seguido, como da mesma maneira temos que desenvolver o hábito em nós de desviar sua atenção quando pega algo que achamos que não deve; se ela persistir, é aí que o adulto deve falar seriamente e firmar sua autoridade na cabeça da criança. A família é um desafio com muitas oportunidades para a criança.

Quando começa a troca dos dentes, é sinal de que a construção de uma casa interna, a qual já se pode observar em seus desenhos, mostra que a criança está amadurecendo e surgirá uma forma de relação com seu ambiente e com os adultos. As forças que eram usadas para construir o corpo podem ser usadas para a aprendizagem e a memória.

A criança está pronta para ir à escola; começa agora uma nova etapa de seu desenvolvimento. Seu sistema neurossensorial não deve ser superestimulado com certos conhecimentos. Se exigirmos a compreensão de conteúdos, mesmo nas brincadeiras, isto pode reprimir sua capacidade imaginativa e com isso sobrecarregar sua memória. O excesso de atividades sobrecarrega as funções orgânicas da criança e assim, com suas forças vitais sendo desviadas para outras atividades, ela cresce magra e pálida e torna-se distraída para a realização de suas tarefas. Nas crianças que aparentemente se mostram fortes e capazes de sustentar esta sobrecarga, os resultados insalubres aparecem na

última parte da vida, doenças que os profissionais da Medicina diagnosticam como esclerose de tipos diversos.

O método Waldorf exige que o professor trabalhe a consciência imaginativa que está despertando na criança, agora que ela está pronta para relacionar-se mais conscientemente com o que adquire no exterior e com o que afeta seu espírito.

Tudo o que o professor quiser passar como aprendizado para o aluno, deve relacionar-se com a natureza, com vida. Mostrará a relação do homem com a natureza para falar da curva e da reta.

Observando os animais, vemos linhas curvas e retas, na medula, nas patas que seguem linhas verticais e horizontais. Na estrutura do homem, também, a criança entra em contato com o conhecimento, internaliza mas não é analisado gramaticalmente. Não devemos despertar estes fatos na consciência durante esta etapa; isto será tema de uma aula principal em anos bem superiores; aí então eles vão descobrir que já sabem.

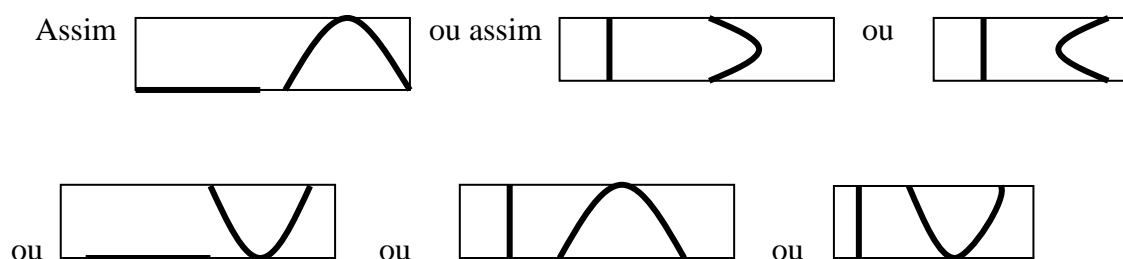
Mostra-se o conteúdo de maneira agradável aos 6 anos quando ele passa a ter um professor de sala. Pode-se usar uma linha reta representada por um barbante estirado no chão e mandar a criança caminhar em cima, desenhar retas e curvas no chão com os pés ou na lousa com giz. Pode-se usar seu corpo como ensinamento, perguntando qual parte do corpo ele tem que é reta ou que é curva.

É chegado o momento em que podemos passar todo esse aprendizado para o caderno. E então qual não é o espanto do professor, quando pega na caixa de lápis de cera e fala bem admirado: “Olha só, eles todos são retos e ao mesmo tempo redondos.” O professor Waldorf precisa ter essa admiração alegre em tudo o que faz e aproveitar cada oportunidade para o aprendizado. Esta também é uma oportunidade para ensinarmos a segurar o lápis.

A altura da criança com relação à altura da mesa.

A altura da mesa não deve empurrar o braço para cima, e nem um ombro ficar mais alto do que o outro. A cadeira deve ser dez polegadas mais baixas do que a mesa. A criança deve sentar-se de modo que os dois pés fiquem firmes no chão e os joelhos mais altos que os quadris. O ângulo de encontro entre o joelho e o quadril é vital. A criança deve está sentada sobre os quadris para que os movimentos dos braços e das mãos possam fluir desde a base da espinha. Isto não poderá ocorrer se o quadril estiver um pouco mais alto do que o joelho, e houver tensões nos músculos da coxa; o sistema motor da criança reage a esta desproporção, virando os pés para dentro os encaixando nos pés da cadeira, produzindo uma distorção muscular que restringe todo movimento-resposta para a coordenação viso-motora; o fundamental deixa de ser segurar o lápis com firmeza se ele estiver sentado sobre um dos lados do corpo ou com a cintura curvada. Como professor, você não pode demorar a perceber tais maneiras de sentar-se e seus efeitos na caligrafia. A posição correta ao sentar-se pode ser mostrada às crianças com uma imagem, por exemplo, um rei preparando-se para assinar um decreto... Seus pés colocados no escabelo, seu manto vermelho mantendo seu braço direito ao lado do corpo, a mão esquerda enfeitada por um anel pesado e brilhante que nos faz vê-la movimentando o papel. Ele deve manter a cabeça ereta para que a coroa não caia! Isto pode ser dramatizado pelas crianças com um cenário real completo e seria bom que elas usassem coroas enquanto escrevessem até que os hábitos corretos fossem criados. Tal imagem precisa ser intensificada pelo professor quando este se senta ao lado de uma criança para escrever. É bom que ela trate de si mesma como um “objeto”, e diga em voz alta “deixe-me ver se coloquei meus pés no lugar correto, se meu braço está confortável...” O tempo gasto todas as manhãs para verificar se cada criança está corretamente sentada até que a postura se torne um hábito é muito bem utilizado.(STEINER, 1973, p.33).

Depois de todos estes ensinamentos de curvas, retas e de postura, chegou a hora do professor fazer a apresentação no quadro desenhando-as.



O professor coloca as linhas retas e curvas da maneira escolhida no quadro e pede as crianças que façam uma após a outra no ar, observando sempre seus dedos enquanto desenhavam a forma; o professor não deve perder o movimento de vista. E continuar observando se as crianças fazem grandes movimentos com o pulso, são essas

as crianças que o professor deve chamar no quadro para repetirem o desenho que fizeram com os dedos no ar.

O cultivo do interesse na outra pessoa é uma parte importante do treinamento sócio-moral. É nesse momento de aprendizagem que o professor desenvolve este sentimento nas crianças capazes.

As crianças devem fazer desenhos grandes usando o braço e não só o pulso. O passo seguinte é pedir que as crianças fechem ou cubram um dos olhos e façam estes movimentos com a mão e o olho, o que mostrará qual o olho ou a mão que a criança domina, ela deve repetir com os dois olhos fechados também. Em todas as formas que forem sendo apresentadas deverão ser repetidos esses exercícios para que a criança, ao passar para o seu caderno, treine sua coordenação viso motora e o olhar com atenção se transforme em hábito.

É importante também que se peça para a criança repetir o exercício da forma nas costas do amigo e depois no ar como já foi dito . Usando este método, pode-se iniciar todos os tipos de modelos cursivos baseados em linhas retas e curvas no primeiro ano da escola.

Quando o professor faz a introdução das lições principais, que dura normalmente de três a quatro semanas, sobre certa atividade, então está pronto para iniciar o ensino do alfabeto às crianças.

A pedagogia Waldorf trabalha com a criança para despertar sua criatividade através da vontade, inicia o alfabetizar com movimentos e expressões e não olhando para coisas; o escrever desperta a vontade da leitura que virá naturalmente do ser humano.





## CAPÍTULO VI

### O ALFABETO E A ESCRITA

O desenvolvimento da consciência humana que David Diringer fez pesquisando as épocas históricas da civilização e comparando com a modernidade mostra um ponto essencial no desenvolvimento do homem.

A escrita consciente mais recente não apareceu antes do quarto milênio a.C., a escrita em todas as culturas era temida e sua invenção, atribuída a divindades e Heróis populares.(STEINER, 1973, p.17.)

Então, se o homem nessa época não tinha uma consciência intelectual, que consciência tinha antes disso? Rudolf Steiner explica sobre o desenvolvimento histórico das civilizações em suas pesquisas espirituais e científicas.

Antes de 3000 a.C. aproximadamente, a humanidade em geral tinha uma consciência clarividente de retorno aos ancestrais. As impressões que seus sentidos recebiam do mundo que os cercava eram menos claramente definidas e separadas em sua consciência, em comparação com aqueles que experimentavam durante o sono. Ao invés da total inconsciência, mesmo em

sono profundo. No sono, apareciam espíritos que eles reconheciam como sendo relacionados a eles mesmos, mais que viviam em condições muito diferentes. Diferente, também, era a relação com mundo sensitivo que um homem tinha em um dia de consciência, quando se lembrava de experiências vividas no sono e associadas a impressões sensitivas que tinha durante o dia. Esse tipo de consciência começou a diminuir para ser gradualmente substituída pela presente 3000 A.C. e começou a ser universal no Ocidente desde o último terço do século XIX.

Além deste tipo de consciência, o homem também possuía memória prodigiosa, não apenas de acontecimentos de sua própria vida, mas também da vida de seus ancestrais. Esta habilidade desapareceu assim que as sensações do organismo do homem acordaram para o mundo ao seu redor, da mesma forma que as lembranças dos fatos que ocorreram nos sonhos. A memória agora é estimulada pelo exterior... temos exemplos disto desde os tempos bíblicos na história de Jacob, que ergueu um altar de pedras para invocar a visão de Bilhel, e, mais tarde, Joshua indicou que deveria ser erguido um altar de doze pedras como recordação da passagem das crianças de Israel pelo Rio Jordão por terras secas. Contudo alguns homens permaneceram com o antigo tipo de consciência e memória e foram escolhidos para treinar essa habilidade nos centros religiosos da época. Destes, eram enviados a peregrinar pelos campos falando às pessoas que tinham perdido sua ligação direta com o mundo espiritual, e de sua experiência no trabalho com os seres superiores à vida humana. Muitas são bases do que hoje para nós significam os Mitos e as Sagas; as outras se transformaram em “estórias” de redor de fogueira no inverno e assim passaram de Geração para geração. Elas se demoraram entre os camponeses até o século XIX, para depois serem coletadas e se tornarem uma parte de nossa herança cultural através de páginas impressas. Conseqüentemente, a seqüência do desenvolvimento é experiência direta, memória, fala, escrita e por último, a leitura. (STEINER, 1973, p.42).

Assim o ato de escrever vem do conhecimento, através de uma consciência desenvolvida da realidade do mundo espiritual e dos seres da inteligência superior que vivem no ser humano.

Nos primeiros tempos, era o sacerdote ou o rei que guiava seu povo através do dom da consciência intensificada. Cometer um erro na grafia de uma das Palavras Sagradas da Luz, dando o sentido de escuridão, significava morte. Escrever era um ato de responsabilidade, naqueles tempos.

Este respeito pela significação do ato de escrever foi ressuscitado na era cristã pela transcrição dos evangelhos. Os monges passavam a vida inteira escrevendo a palavra de Deus formando assim um conteúdo meditacional.

Se usarmos a imaginação, poderemos compreender a razão de tanto medo e oposição quando foi descoberta a impressão. A palavra separou-se de sua origem na raça humana; ela poderia ser reproduzida ou cair em mãos isentas de preparação para receber seu conteúdo. Deste ponto de vista pode-se imaginar o medo que invadiu os povos da época, o medo que se espalhou da impressão como a arte negra.

Diante desses fatos importantes de que carrega dentro de si um poder de criar que não faz parte das habilidades dos animais, o homem é um ser espiritual. Seu espírito e sua alma são o veículo perceptível de um corpo físico dotado de poderes de crescimento e vida. A habilidade intelectual que fechou as portas ao mundo espiritual durante seu desenvolvimento deu ao homem a direção do mundo.

Um professor Waldorf, consciente destes conhecimentos, perceberá que o campo de sua observação aumenta e ele começa a ter outra atitude perante os erros e as

faltas cometidas pelas crianças. A maneira desajeitada como uma criança segura o lápis, pode mostrar que ela está agindo por um resto de lembrança. Considerando essas possibilidades usaremos um tom diferente de voz para ensinarmos a criança a segurar um lápis novamente. O aluno reagirá a esta nova atitude interna do fundo de sua natureza espiritual: esses novos acontecimentos entendidos pelo professor e passados com autoridade e compreensão, criam um vínculo saudável entre ele e a criança.

## CAPÍTULO VII

### LER A PRÓPRIA CALIGRAFIA

Pois bem, o ensino e a educação devem apelar para o sistema que uma fase determinada predomina no homem; portanto, entre a segunda dentição e a puberdade, temos que nos dirigir ao sistema rítmico por meio de imagens. Tudo o que descrevemos, tudo o que fazemos em classe, temos que apresenta-lo de tal forma que a participação cerebral se reduza ao mínimo, mas que haja, sim, participação do coração, do ritmo, de tudo que é artístico e rítmico. Qual será a consequência? A criança, com esse procedimento, não se cansa, pois que se solicita o sistema rítmico e não o cerebral. (STEINER, 1978, p.116).

O professor deve seguir este caminho no trabalho de classe com crianças do primeiro ano. Após a apresentação das letras, as crianças deverão escrever os contos de fadas, inteiros ou as partes, que foram estudadas. Isto será feito em letras maiúsculas em livros grandes e sem linhas (cadernos sem arames e cobertos). Elas deverão ler primeiro o que está escrito no quadro, depois em seu caderno.

Não é necessário que o professor use um vocabulário conveniente para a idade e a compreensão das crianças, pois aqui é interessante a vivência da língua materna. Palavras grandes com muitas letras irão prender sua atenção, é melhor para elas do que se esforçarem para ler a página impressa.

A educação Steiner tem o valor inestimável da eurtmia a oferecer como uma ajuda para despertar o senso de linguagem, um assunto que pode ser ensinado em qualquer escola, estadual ou municipal. O fator decisivo é que o professor ou os pais contêm – e não leiam – histórias.

A leitura da classe, todos os alunos juntos, de passagens do quadro que eles já escreveram, ajuda a estabelecer a entonação rítmica do ar. O professor deve ler uma frase inteira com expressão e clareza e as crianças devem repetir depois dele, a cada vez, o professor deverá seguir o escrito - com o dedo. Quando as crianças puderem falar uma passagem inteira, vem a vez da leitura individual; cada criança aponta enquanto lê; escolhe palavras individuais, sublinha-as, encontrar palavras similares – as que começam com a mesma letra – descubrem quantas vezes uma determinada letra aparece na passagem etc. Finalmente, algumas crianças poderão ler de seu próprio caderno.

No dia seguinte, após mais um trecho ter sido estudado da mesma maneira, a passagem anterior pode ser retornada e lida por algumas crianças. Estes exercícios são adequados para ajudar crianças mentalmente adormecidas ou muito nervosas e agitadas em seu sistema sensorial, ou fracas em seus sistemas respiratório e circulatório. O professor deve observar quais crianças se lembram facilmente e as que não se lembram do que aprenderam. Tais obstáculos podem ser superados pelos métodos que Steiner ensina quando se lida com a matéria.

O currículo do primeiro ano das escolas Steiner é um resumo que recapitula o desenvolvimento espiritual e anímico da criança durante o período da troca dos dentes. O período de sete aos quatorze anos é centralizado fisicamente no crescimento e desenvolvimento dos sistemas respiratório e circulatório, o centro rítmico que sustenta a vida e nunca se cansa! É a expressão física da vida sensorial do espírito, e, enquanto há o desenvolvimento de uma nova etapa da consciência na criança...ela começa a viver no sentimento de dramas em fatos que ocorrem em casa, na escola e na sua própria vida espiritual, que está mudando. A simpatia e antipatia como forças saudáveis da alma, aparecem, e a matéria das nossas lições tem que ser completamente usada, para que seu fruto seja a habilidade de julgar com equilíbrio depois da puberdade. Este elemento

rítmico e a vivência marcante na simpatia ou antipatia se tornarão aparente no segundo ano escolar. Assim como as linhas retas dão a estrutura para a experiência espacial da criança e são básicas para as maiúsculas romanas, a curva é a base das minúsculas.

Na classe, a questão que preocupa é se ensina as maiúsculas em letras de forma se junta depois, ou se começa com a letra de mão.

Há muitas visões, baseadas principalmente na prioridade dada para a leitura de mão. As letras de forma são desaconselháveis, desde que tiveram que ser abandonadas. Isto é essencial hoje, em razão da experiência de professores preocupados com a dislexia, e com os erros técnicos na escola; por exemplo, escrever o “S” ou “E” de baixo para cima provavelmente se origina desta mudança brusca das letras cursivas para as de forma. O que se exige na pedagogia Steiner é que aproveitemos a habilidade de imitar que adormece por um período após a troca dos dentes e progride para a percepção da autoridade do professor mostrando às crianças como a escrita se desenvolve como uma bela cópia do mundo que as cerca.

O professor encontra a variedade de escolhas sobre os estilos de caligrafia: letras na vertical, curvas ligadas ou feitas de traços retos. Aqui os sentimentos artísticos e pedagógicos devem ser o fator decisivo. Durante o primeiro ano, ele reconhecerá seus alunos intimamente através da observação do trabalho e com o estudo da pedagogia que faz constantemente. Ele perguntará a si mesmo se na classe as forças da vontade da criança são fortemente ativas, mas como um todo, deficiente no elemento do ritmo; ou se é um grupo de crianças que vivem em seu sistema neurossensorial captando todas as impressões e a descarregando rapidamente. É um grupo de crianças sonolentas ou despertas? Estas são considerações que pesam na decisão da escolha do estilo da escrita.

O cursivo trabalha com o sistema rítmico, respiratório e circulatório da criança. O estilo vertical com seus traços retos, onde a caneta repete o traço inicial de



trás para frente, desperta a vontade e reprime o excesso das impressões sensoriais na criança.

Quando a etapa da escrita cursiva é atingida, emerge a questão de quando o lápis deve ser usado.

Hoje em dia, o que se observa é a deficiência no ritmo dos movimentos da criança, a tensão e o manuseio desajeitado do lápis de cera e das grafites. Nossa situação atual parece precisar de um tempo maior, que permita um bom ritmo na escrita.

Quando a escrita cursiva for estabelecida no segundo termo do segundo ano, chega a hora de as crianças lerem os impressos, mesmo que elas tenham usado livros em casa, sem dúvida, desde os dois ou três anos ou até se já estiverem lendo. A apresentação que o professor faz em um livro impresso, da maneira exposta, pode trazer uma expressão pedagógica duradoura. Livros e páginas impressas são partes das muitas coisas impressas que existem no ambiente até esse momento.

Vimos que a escrita é ligada à vida religiosa – escribas de Cristo e os monges depois – escreveram palavra de Deus. O desejo de ter uma literatura no século passado realmente originou-se no desejo de ler a Bíblia, pois, para muitas pessoas, ela foi o primeiro livro. É importante sensibilizar a criança nas atividades futuras, de modo que a aprendizagem seja preparada.

É bom que o professor diga que, quando a criança estiver no sétimo ano, ela aprenderá tais matérias e conhecerá tais personagens. As crianças ouvirão histórias do Antigo Testamento do terceiro ano em diante; é uma boa forma de introduzir a palavra impressa de um livro, que surgiu antes da vida cultural no Ocidente, a Bíblia. Este momento importante deve ser preparado pelo professor num encontro entre os pais e a classe, para que os pais também façam parte do sentimento da importância e da

dignidade do momento em que a palavra impressa é colocada conscientemente para a criança. Pode-se preparar os primeiros versos do Gênesis para as crianças, ou versos da estória do Natal. Eles podem ser decorados, e escritos, e então o professor pode trazer para a classe uma Bíblia grande com as impressões claras e, uma por uma, as crianças poderão tomar parte em sua primeira lição de leitura , cada criança ao lado do professor, e apontando juntos a palavra enquanto a criança as fala, consciente e com clareza.

É no terceiro ano que a forma impressa das maiúsculas pode ser apresentada, por exemplo, na escrita de poemas. Isto é apenas um estilo especial de escrita e não o que usamos para comunicação cotidiana. É mais fácil e mais lógico para as crianças, reconhecer as letras no formato simples da experiência da escrita seqüencial, que tem que unir as letras separadas. A idéia de que as crianças aprendem a letra de forma em primeiro lugar e depois devem se familiarizar com as letras impressas em livros não é um conceito pedagógico. É lógico que a maioria das crianças pode fazer isto, mas é uma contradição das forças espirituais que trabalham nela e que desenvolvem esta habilidade.

A etapa é a introdução da tinta no quarto ano. Este é o ano que o polvo, que produz sua tinta de autodefesa, é apresentado na lição principal de História Natural. Assim o próprio currículo indica a hora que a criança deve mudar para este recurso.

## CAPÍTULO VIII

### ***ORTOGRAFIA***

O pensamento é desenvolvido separadamente da fala, mas juntos estão envolvidos na ortografia. Sobre a capacidade de automovimento, a habilidade de visualização interna deve trabalhar no plano consciente.

A perda do interesse nas palavras gregas e latinas, em razão da perda de seus ancestrais, seu som e ortografia sempre evocam seu passado. O professor fica na sala de aula com sua relação interna com as palavras, apenas como uma utilidade para a comunicação e este vazio, conseqüentemente, trabalha na criança, produzindo falta de interesse. E assim atinge a vontade da criança e seu poder de se reter na memória . O ensino convencional de ortografia não atinge a raiz da situação. Muitas crianças conseguem aprender por meio da rotina. Existem crianças naturalmente aptas, outras que não conseguem reter a imagem da palavra, mas podem escrevê-la. Isso pode ser aprendido, sob pressão – que é a velocidade exigida. A criança carrega estas falhas até tornar-se um adulto consciente, então poderão as folhas ser superadas. Mesmo assim irão permanecer palavras cuja ortografia impede a influência do pensamento.

Se o professor tiver dado tempo suficiente para que os métodos descritos sejam absorvidos pelo aluno, haverá sempre maneiras novas de habilitá-lo a praticar o que lhe é ensinado e muitos de seus problemas serão superados.

Corrigir a ortografia é um problema, tanto para o professor quanto para o aluno, especialmente se seu trabalho é bem escrito e é devolvido corrigido com marcas vermelhas e no cantinho, às vezes, um recado do professor. Ficam desolados, porque

deram o melhor de si e não agradaram; nesta fase se esforçam muito para agradar o seu mestre.

É confortante para as crianças de todas as idades que o professor se sente ao lado do aluno, coloque-se em postura correta para escrever e grafie três ou quatro palavras para que ele copie uma vez. O professor não pode fazer isso todos os dias com todas as crianças, mas pode fazer variando as crianças e, em cada lição principal, fazer com que elas fiquem observando; assim a criança perceberá o cuidado e o interesse que o professor tem com as palavras e assim ficarão mais atentas.

Existe amplo trabalho feito por professores para crianças com problemas de grafia. A aprendizagem de grupos de palavras selecionadas é a principal consideração. Há um período entre os oitos e os nove anos, quando as crianças adoram coletar, e este momento pode ser usado para tal atividade. Mas, quando esta fase passar, o tempo gasto em ortografia, com a imposição de uma rotina, poderá ter sido perdido, e seria mais bem utilizado se tivesse sido usado em trabalhos de correção de maus hábitos, para que todas as habilidades da criança sejam despertadas e isto é melhor do que trabalhar só a memória.

A pintura poderá ser usada, por exemplo, para ajudar maus ortógrafos e leitores, não em atividades extras, mas nas semanais. A pintura não deve ser mantida como uma matéria, e sim como uma parte do cotidiano; é por causa disso que Steiner fez os professores de classe responsáveis por ela, em vez de um professor de artes. O treinamento social na classe também consiste em as crianças reconhecerem que cada uma delas tem uma necessidade especial, e que devem aceitar que o tom das palavras é diferente, mesmo com sílabas de letras iguais.

## CONCLUSÃO

Ao final desta pesquisa, constatou-se que a Pedagogia Waldorf, é uma pedagogia holística em um dos mais amplos sentidos que se pode dar a essa palavra quando aplicada ao ser humano e à sua educação. De fato, ele é encarado do ponto de vista físico, anímico e espiritual, e o desabrochar progressivo desses três constituintes de sua organização é abordada diretamente na pedagogia. Assim, cultiva-se o querer (agir) através da atividade corpórea dos alunos em praticamente quase todas as aulas; o sentir é incentivado por meio de abordagem artística constante nas atividades artesanais, específicas para cada idade; o pensar vai sendo intensificado, paulatinamente, desde a imaginação dos contos, lendas e mitos no início da escolaridade, até o pensar abstrato rigorosamente científico no Ensino Médio. O fato de não se exigir ou cultivar um pensar abstrato, intelectual muito cedo é uma das características marcantes da Pedagogia Waldorf em relação a outros métodos de ensino.

Através de contatos com as crianças dos primeiro, segundo e terceiro anos, e com as observações realizadas em sala de aula, concluímos que a alfabetização realizada paulatinamente e permeada de imagens, contos e lendas enriquecem muito a criatividade e a imaginação das crianças, tornando-as capazes de ler, compreender e interpretar e resumir livros com suas próprias palavras. Os cadernos, ilustrados pelas próprias crianças, denotam que desenvolveram também uma excelente capacidade artística.

Constatamos nas entrevistas com os professores e no estudo sobre a pedagogia que embora nos primeiros anos as crianças não tivessem aulas específicas de Histórias e Geografia, aprendiam por meio dos contos e histórias; países, acidentes geográficos e personagens importantes, enriquecendo muito o seu saber. Quanto às aulas de

Matemática, que vinham passo a passo com a alfabetização, as crianças, sem perceber, já estavam aprendendo na prática, a fazer contas, (ex. dois grupos de três golfinhos juntos quantos golfinhos ficam?)

## BIBLIOGRAFIA

STEINER, Rudolf. *A arte da Educação I. O estudo geral do homem, uma base para pedagogia*. 2ª ed. Tradução de Rudolf Lanz.. São Paulo: Editora Antroposófica. 1992.

LANZ, Rudolf. *Noções básicas de antroposofia*. 4ª edição revisada – São Paulo: Editora Antroposófica. 1997.

HEMLEBEN, Johannes. *Rudolf Steiner: monografia ilustrada – tradução de Heinz Wild* – 2ª ed. São Paulo. Antroposófica, 1989.

STEINER, Rudolf. *A arte da educação baseada na compreensão do ser humano*. São Paulo: Associação Pedagógica “Rudolf Steiner”. 1978

McALLEN, Audrey. *Ensinando a escrever/ apostila* – Escola Waldorf Micael

<http://www.anaba.com.br/colibri/artigos/pedagogia/imaginação.htm>

## ANEXO.A

Desenhos produzidos pelas crianças nas aulas de inglês através de ditado.





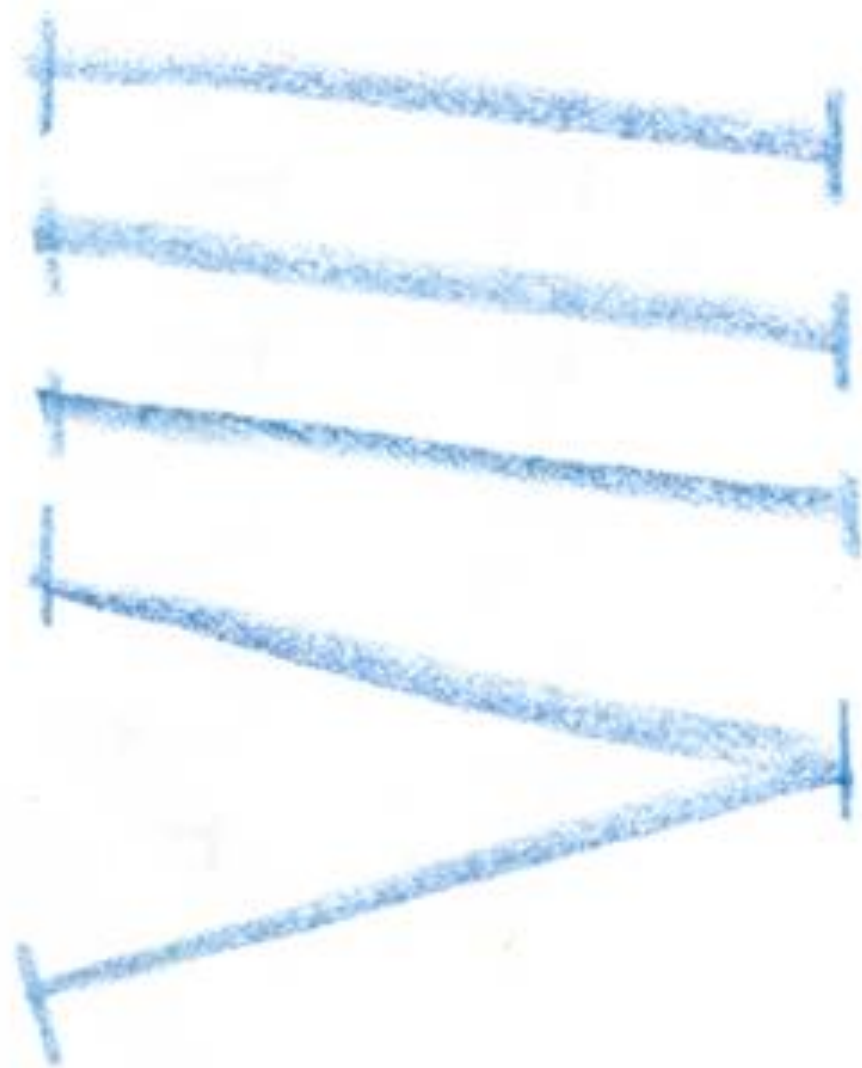




## ANEXO.B

Desenhos referentes ao que foi produzido na primeira aula principal que foi observada pelo grupo na primeira série.





▶ IIII V IIII V IIII V IIII V

▶ IIII V IIII V IIII V IIII V

IIII V IIII V IIII V IIII V

## ANEXO.C

Observação de uma aula principal na 1ª série do Ensino Fundamental I, na Escola Waldorf Micael, aqui em Fortaleza - Ce na rua Joaquim Nabuco,701



A classe tem oito alunos, sete meninos e uma menina. Sávio, Inácio, Lucas, Otávio, Bruno, Saul, Victor e Ana Isabel. Eles têm entre seis e sete anos de idade. A professora chama-se Tatiana e tem vinte e oito anos. Especializou-se na Escola Rudolf Steiner, em São Paulo, que nesse ramo é a mais conceituada no Brasil. Ela é a professora-regente desta turma e deverá conduzi-la até o oitavo ano. Sob sua responsabilidade estão as matérias tidas como principais: Português, Matemática, História, Geografia e Ciências. Outras matérias como: Música, Educação Física, Aquarela, Inglês e Trabalhos Manuais são ensinadas por outros professores os professores de matéria.

As crianças sentam-se em pares. As carteiras são de madeira pesada, dispostas em duas fileiras de quatro carteiras cada uma. A sala é bem iluminada, tem dois janelões de vidro, um ventilador, um relógio de parede, dois armários embutidos, algumas prateleiras, um quadro negro fixado na parede central, de frente para as crianças. Este quadro tem duas laterais, esquerda e direita, com duas dobradiças e ambas as laterais têm face dupla. O quadro está fechado, a lateral esquerda interna está à mostra e nela se vê um desenho de duas meninas com vassouras na mão “varrendo” um urso que parecia coberto de neve. Atrás deles vê-se uma casa. As cores do giz são bem determinadas, o céu azul, o chão marrom e verde, as roupas das meninas em verde e vermelho. A outra banda do quadro não tem nada.

Decorando as paredes vemos vários desenhos feitos com aquarela, nas prateleiras têm peixinhos de madeira coloridos, tartarugas, algumas sementes de árvores, pedras diversas, conchas e búzios. Os armários e prateleiras são pintados de um lilás clarinho e as paredes da mesma cor sendo, sendo de um tom ainda mais claro.

7h10min – As crianças estão em fila no corredor, em frente à sala de aula.

7h15min – Tatiana abre a porta e cumprimenta os alunos de um a um com um aperto de mão. Para cada aluno, ela tem um comentário específico e só depois eles entram na sala de aula.

7h18min – As crianças já estão todas em seus lugares, guardando suas mochilas, a professora conversa informalmente com eles e conta que hoje cedo quando vinha para a escola viu um arco-íris no céu. Reparei que na lousa havia um desenho com um arco-íris. Algumas crianças dizem que também tinham visto.

7h21min – D.Tatiana (é assim que as crianças Waldorf se referem à professora e não “tia” como na maioria das escolas) está de pé na frente dos alunos e gesticulando diz; “Meus pés bem firmes no chão, minhas mãos prontas estão para trabalhar”. Neste momento as crianças vão se levantando e ficando de pé atrás de suas cadeiras. A professora canta fazendo gestos e as crianças a acompanham. “Brilha, brilha, sol tão lindo, entre as nuvens vai surgindo, se em mim seus raios vêm, vou poder brilhar também”. Em seguida, começam juntos o seguinte poema. Com exceção do Lucas, que estava inquieto, todos estavam muito compenetrados.

Passarinhos voam alto no ar

E sobre o mar

Para casa, para os ninhos

Para se abraçar.

Com sua luz querida

O sol clareia o dia

E o poder do espírito  
Que brilha na minha alma  
Dá forças aos meus membros.  
No brilho da luz do sol  
Oh Deus, venero a força humana  
Que tu bondosamente  
Plantaste na minha alma  
Para que eu possa estar  
Ansioso em trabalhar  
Para que eu possa ter  
Desejo de aprender  
De ti vem luz e força  
Que para ti refluem  
Amor e gratidão.

7h25min – D. Tatiana pede a Lucas que recite o poema sozinho, pois não se comportou durante o mesmo. Ele meio contrariado obedece.

7h28min – Crianças e professora afastam as carteiras e cadeiras deixando o espaço da sala livre. Fazem uma roda e cantam e dançam uma música de São João (já que estamos no mês de junho e temos estas comemorações e que fazem parte do currículo as festas). Estavam ensaiando para se apresentarem na festa junina da escola.

7h34min – Ainda em roda entoam: “Lá vai uma lã vão duas, lá vão três, pela terceira, lá se vai o meu amor no vapor da cachoeira”. Todos se soltam e correm pela

sala e a professora diz: “Os golfinhos estão pulando no mar”. As crianças imediatamente se transformam em golfinhos e pulam pra lá e pra cá. A professora sugere que os golfinhos se juntem em grupos de dois, depois de três, dois grupos de quatro e finalmente um grande grupo de oito.

7h40min– Nova roda. Cantam; “Balança, balança, eu danço você dança”. Fazem diversos movimentos propostos pela professora. “Todos ao centro, todos rodando para a direita, agora para a esquerda, levantando o pé direito e pulando duas vezes para trás, agora para a esquerda. Segurando o pé esquerdo com a mão direita e dando três pulos para o centro”. As crianças se divertem, se atrapalham e vão se endireitando imitando a professora.

7h52min – “Agora de volta aos seus lugares” diz a professora. Eles ajudam a arrumar as carteiras e vão aos poucos se sentando. D. Tatiana joga para um deles uma bolinha de pano colorida ao mesmo tempo em que grita um, o aluno imediatamente joga a bola para o colega do lado gritando dois e assim vão sucessivamente e chega até os “sessenta dez”, a professora corrige, guarda a bolinha e iniciam outra atividade.

8h00min – Recitam sentados em seus lugares um poema de Cecília Meireles intitulado “ou isto ou aquilo”. A turma da direita recita uma frase e a da esquerda responde.

8h5min – D.Tatiana abre a lousa, eles estão super ansiosos. Na parte menor da lousa, do lado esquerdo, está um cenário maravilhoso, como aqueles que vemos em contos de fadas. Uma casinha à esquerda com janela e porta. Na janela nota-se algo

parecido com uma teia de aranha. Há um menino de cabelos louros na porta da casa. Na frente vemos um gramado com muitas flores, uma árvore à esquerda. Do lado direito uma cachoeira que deságua num riachinho. A lousa central está emoldurada por duas árvores, uma à direita outra à esquerda, à parte de baixo pintada de verde, a de cima de azul e o grande espaço do centro vazio. Na parte de cima há um fio bem discreto amarrado com lacinhas nas duas árvores e deles pendem lanternas de São João. Na lousa da direita, também artisticamente emoldurada estão os números de um a sete, em algarismos romanos, escritos com giz azul e entre cada um há uma estrelinha amarela.

D.Tatiana pede as crianças que recapitem a história da aula passada, pois o Otávio havia faltado. Eles gritam todos ao mesmo tempo, ela então pede que levantem a mão e falem de um por um. Mesmo assim só consegui entender que um menino chamado Eliomás havia encontrado uma teia de aranha. As crianças estavam excitadíssimas e saíram pela sala à cata de aranhas com o consentimento da professora. Saul trouxe até uma lupa. Depois de alguns minutos a professora pede que voltem para seus lugares, o que não foi fácil. Ela entoou uma musiquinha assim: “Cada qual no seu lugar um dois três e já”, (na pedagogia Waldorf essas musiquinhas chama-se comando pedindo para que o aluno faça alguma coisa, nunca se usa dar uma ordem) só Inácio não obedeceu e D.Tatiana delicadamente o trouxe para o seu lugar pelo braço. D.Tatiana conta para eles que as aranhas tecem suas próprias casas com um fio que elas mesmas produzem, fazem oito fios verticais e depois com fios horizontais ligeiramente curvos vão unindo todos eles e formando a arapuca. Ela explica que as aranhas só andam pelos fios verticais, pois os outros elas impregnam de um tipo de cola, que também produzem, com o objetivo de caçar os insetos, que ao visitar a teia nela ficam presos e servem então de alimentos para a aranha.

8h25min – D. Tatiana pede que todos abram o seu caderno da época (no casa, estão na época de matemática). Os cadernos das crianças estão todos encapados de azul, não tem pauta, são horizontais como os cadernos de desenho e não tem espiral, as folhas são presas por grampos. Ela desenha no quadro uma teia de aranha e eles a imitam passo a passo, uns demonstram mais dificuldade e ela ajuda individualmente os que necessitam. Na teia desenha a aranha com oito pernas. Este desenho ela faz centralizado em uma moldura marrom e alaranjada que pede a eles que reproduzam nos cadernos, com o tijolinho de cera. Ela representa a janela da casa do Eliomás. Na lousa menor ao lado ela faz o algarismo oito em romano, bem grande, e eles também fazem em seus cadernos, na página ao lado.

8h55min - D.Tatiana começa a cantar uma música pedindo a eles que guardem o material e arrumem a mesa para o lanche. Os que ficaram meio atrasados reclamam, mas mesmo assim obedecem. Pede aos ajudantes da semana para irem buscar o lanche. A professora divide para todos. Nesse dia tinha um pastel integral, suco de cajá e mamão cortado em cubos. (nas escolas Waldorf o lanche é paga no carnê junto com a mensalidade, e todos fazem o mesmo lanche que é produzido na cozinha da escola).

9h00min – todos juntos fazem uma prece antes de começar o lanche, à medida que vão terminando, colocam o prato e o copo na bandeja e saem para brincar no pátio. Os dois ajudantes do dia levam a bandeja de volta para a cantina e descem para brincar. O recreio termina às 9h45min e depois dele eles terão mais duas aulas de matéria de 50 minutos cada.



## ANEXO. D

Artigo publicada na revista norte-americana “The Atlantic Monthly, em setembro de 1999. Autor: Todd Oppenheimer. Traduzida por Elaine Azevedo e revisado por Paulo Karam.